

VISÃO DO CORREIO

A era do autodiagnóstico

Na mesma linha de pensamento da automedicação, um fenômeno tem se tornado cada vez mais frequente entre os brasileiros, chamando a atenção de médicos e de outros profissionais de saúde: o autodiagnóstico. E pior ainda: não são sintomas considerados simples como uma dor de cabeça ou um incômodo nas costas. Muitos desses registros estão relacionados a doenças mentais — a exemplo de ansiedade, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e depressão, entre outros.

É difícil falar em autodiagnóstico sem citar as redes sociais. Por isso, a preocupação dos especialistas é justificável, haja vista a divulgação de uma enorme quantidade de testes psicológicos sem a devida verificação, além de conteúdos altamente questionáveis nas principais plataformas.

Uma pesquisa, divulgada em 2024 pela Medscape, com quase 1.300 médicos brasileiros, mostra a preocupação dos especialistas quanto ao autodiagnóstico por inteligência artificial. No levantamento, realizado entre 12 de janeiro e 3 de março de 2024, 83% dos entrevistados apontaram que os pacientes correm riscos com diagnósticos feitos por inteligência artificial. Outro estudo, do Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (ICTQ), reforça a questão, mostrando que 40% dos brasileiros fazem autodiagnóstico pela internet.

Outro aspecto que chama a atenção é que a prática atinge quase todas as faixas etárias, a maioria na mesma proporção. Com exceção dos

idosos (60+), que somaram 19,72% dos respondentes, a porcentagem foi a seguinte: 16 a 24 anos (52,77%), 25 a 34 anos (54,97%), 35 a 44 anos (43,41%), 45 a 59 (33,23%).

Não há dúvidas sobre os benefícios da evolução tecnológica, inclusive na medicina, seja facilitando a análise de exames, seja na redução de erros de diagnóstico. Mas no caso dos pacientes, é muito fácil chegar a um parecer equivocado, uma vez que estamos falando de pessoas sem conhecimento especializado.

Ainda que as redes sociais sejam uma alavanca para aumentar a conscientização quanto a essas doenças, elas exercem um papel de indutoras a erros. Um paciente que acredita que tenha depressão pode ser levado a fazer um determinado tipo de tratamento equivocado e até mesmo a usar indevidamente medicamentos que podem, inclusive, contribuir para outros transtornos.

Enfim, nunca, na história da humanidade, tivemos tanta liberdade quanto à disseminação de informações. O problema é como consumimos essas informações. Não há mais espaço para textos longos, explicações mais detalhadas. O que vale é a leitura “dinâmica”, vídeos com respostas imediatas, listas de sintomas nas quais as pessoas simplesmente se encaixam a partir de um questionário simplista.

No mínimo, falta bom senso de quem busca esses diagnósticos e, conseqüentemente, de quem se automedica após um autodiagnóstico inadequado. E, claro, falta fiscalização dos órgãos competentes.



—Elonzinho, nunca mais repita por aí as coisas que o papai só fala em casa!

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Direito humano, difuso e fundamental à felicidade

Felicidade é a soma resultante do gozo dos direitos garantidos na Carta Magna, como um Bem constante, constitucionalmente protegido.

Direitos fundamentais, doravante, são garantidos desde tempos idos, mas seu gozo efetivo, a todo instante, não se faz como a Lei tem prometido.

Felicidade é um direito do agora, que deve ser gozado, em qualquer hora, como promessa constitucional.

E amando ser feliz, sem mais demora, nunca a Felicidade vai embora, se é direito difuso e universal.

» **Souza Prudente**
Brasília

Direito e justiça

Cada vez mais, “o direito não apenas observa e cuida da vida, mas faz-se debruçar sobre a dor do viver”, destaca a ministra do Supremo Tribunal Federal (STF), Cármen Lúcia Antunes Rocha, em artigo publicado no livro 50 anos da Declaração dos Direitos Humanos: conquistas e desafios (OAB, 1998). A justiça deve zelar pela dignidade da experiência vital. Para tanto, explica Cármen Lúcia, “o direito é o instrumento da fraternização racional e rigorosa. O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam, se desdobram, se somam para que o sistema fique mais e mais próximo da ideia concretizável de justiça social”. No romance Madona dos Páramos (1982), o escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) versa sobre a história de 12 foragidos da cadeia de Cuiabá, que adentram o sertão de Mato Grosso e avançam a cavalo rumo a Figueira-Mãe, pois acreditavam que lá iriam encontrar a paz, a justiça e a igualdade. “Quando o mundo não é senão uma injustiça constante?”, questiona Pedro Peba, “amansador de gente, capador de onça e capitão”. O princípio da boa-fé, sabemos, exige que todos os cidadãos ajam com honestidade, lealdade, franqueza e transparência em suas relações sociais.

» **Marcos Fabrício Lopes da Silva**
Asa Norte

8 de janeiro

Finalmente, apareceram duas pessoas lúcidas para falar sobre o movimento de 8 de janeiro, o presidente da Câmara, deputado Hugo Motta, e o ministro da Defesa, José Mucio Monteiro. Ambos defenderam penas diferentes aos envolvidos no movimento. Uma pena de 17 anos de prisão para quem foi lá encher o movimento é arbitrária e injusta. Como disse o ministro Mucio, “este país precisa ser pacificado”, “ninguém aguenta mais esse radicalismo”. É muita radicalização para um “golpe” que não existiu.

» **Marcus A. Minervino**
Lago Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Qual a origem da fé? Novos estudos de psicologia desvendam os mecanismos que levam algumas pessoas a creem mais que outras. Os intuitivos costumam ser mais religiosos que os reflexivos.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Além de fraco, o governo Lula 3 tem suas graves incoerências. Não bastasse a formação da equipe ministerial, agora o presidente quer exploração de petróleo na foz do Amazonas. Como ficará a imagem do Brasil na COP30?

Eduardo Mendonça — Octogonal

A piora do Brasil no ranking de corrupção da Transparência Internacional é ruim para a sua imagem e enfraquece a sua voz no contexto mundial. Houve época em que o discurso anticorrupção era forte no país.

Marcos Gomes Figueira — Águas Claras

Tarifa zero nos fins de semana é muito pouco. Pagamos impostos altíssimos para que o governo honre o contrato com as empresas. Portanto, o passe deve ser livre para todos.

Joaquim Vieira — Asa Norte

Foi muito divertido ver o filho de Elon Musk demitir Donald Trump da Presidência dos Estados Unidos. Mais poder para as crianças, já!

Julieta Oliveira — Taguatinga

Se nem as crianças estão suportando Donald Trump, está provado que os americanos fizeram a pior escolha da história republicana dos Estados Unidos.

Walquíria dos Santos — Asa Sul



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

No Oscar e na memória

A votação para escolha dos ganhadores do Oscar está em andamento. Daqui até terça-feira, as 9,9 mil pessoas habilitadas vão entregar à Academia de Artes e Ciências Cinematográficas os escolhidos nas categorias. *Se Ainda estou aqui* será premiado ou não, saberemos apenas na noite do domingo de carnaval (e quem sabe avançando pela madrugada de segunda-feira). O filme, no entanto, já fez história e os feitos precisam ser lembrados.

O primeiro deles é que serviu para reaproximar o brasileiro do Oscar. Depois de mais de duas décadas sem participar das categorias principais, o cinema nacional ocupa local de protagonismo com as indicações para melhor atriz, melhor filme internacional e melhor filme. Com isso, detalhes sobre o processo de votação (com conclusão duas semanas antes da cerimônia), o colégio eleitoral (52 brasileiros estão na lista) e as regras para evitar empates (na categoria principal, por exemplo, os votantes precisam elencar os 10 longas indicados em ordem de preferência, do melhor ao pior) passaram a fazer parte do nosso dia a dia.

O segundo ponto é que o longa de Walter Salles serviu para aproximar a população da cultura. Com mais de 4 milhões de espectadores até agora, o filme atraiu gente que simplesmente não ia ao cinema. E a torcida de todos nós é de que retornem às salas — ainda mais se promoções

como a da última semana, com inteira a R\$ 10, passarem a se tornar mais frequentes. Ir ao cinema é um passeio caro e elitista, sem dúvida, que, somado ao crescimento do streaming, levou a uma expressiva redução dos locais de exibição. Em comparação com 2019, por exemplo, houve o fechamento de um terço das salas.

E outro feito não menos importante é que o filme fala de história em um país que costuma esquecer o passado. Relembrar os anos de chumbo é importante para que erros nunca mais voltem a ser cometidos. Perseguição política, cerceamento da liberdade de expressão e participação popular restrita são características de ditaduras, como a que existiu no Brasil de 1964 a 1985, que nunca mais precisam ser revividas no nosso país. *E Ainda estou aqui* mostrou isso com maestria: é um filme que fala de política de forma indireta, detalhando com precisão como a repressão atingia em cheio uma família.

Assim, independentemente do desfecho da premiação, a importância de *Ainda estou aqui* vai muito além das estatuetas douradas. Só de reabrir o debate sobre os 21 anos sombrios de regime militar e de ativar a reflexão sobre a nossa própria história já cumpriu um papel fundamental.

O Oscar é apenas mais um capítulo da trajetória. No coração do público, já está.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correiosweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br